

Fraternidade São José
Retiro de Advento por videoconferência
21-22 de novembro de 2020
Sábado

Beethoven, Sinfonia nº 7, coleção Spirto Gentil, CD 3

“A *Sétima Sinfonia* é como a descrição de uma grande festa. No primeiro movimento somos introduzidos nesta festa. Mas, em um certo ponto, alguém, o tipo mais excêntrico e bizarro se afasta, sai para tomar um pouco de ar, olha tudo de fora e percebe sua vaidade absoluta. O homem olha para o nada com ironia e sarcasmo, aquilo que, de dentro, parece tudo. Desse sentimento nasce o segundo movimento. É uma outra música que se coloca, é como se a música mostrasse a verdade do que foi vivido antes”

Padre Michele Berchi

A Igreja nos introduz no Advento, nos introduz em uma espera, uma espera por Aquele que já inflamou nosso coração, porque senão não esperaríamos mais nada e por mais ninguém. No entanto, o Advento é só cristão, porque só Aquele que veio, Aquele que está entre nós pode, a cada vez, renovar em nós uma espera. Toda a vida de Nossa Senhora foi, desde o início, uma espera por algo que acontecia n'Ela. Vamos começar esses Exercícios pedindo com Ela, e pedindo a Ela para sustentar nosso pedido pelo Espírito, Aquele que nos torna fecundos, fazendo Cristo arder em nosso coração e em nossa carne.

1) O nada às minhas costas

Todas as manhãs, quando acordamos, assim que abrimos os olhos, acordamos dentro de um drama, de uma luta. Quem dera fosse apenas a luta por alguns minutos a mais de sono! A verdadeira luta dentro da qual nos encontramos é entre a tendência desagregadora – que sentimos agitar-se em nós e nas coisas e que é realmente o chamado do nada, o nada do qual tudo e todos viemos, do qual fomos tirados, do qual naquele exato momento somos atraídos de novo para a desintegração, para a vida que tem tantas peças sendo removidas, uma luta entre isto – e um instinto que documenta a força com que Deus está nos criando naquele instante, e continua a nos criar instante após instante, pela eternidade. A força de Deus à qual se une o Espírito de Deus, que é vida por excelência e que age em nós como força de unidade. Todas as manhãs isso acontece em nós: deixar-nos arrastar pela tendência desagregadora ou seguir esse instinto, satisfazer a força e o Espírito de Deus.

*Talvez uma manhã andando num ar de vidro,
árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre:
o nada às minhas costas, o vazio atrás
de mim, com um terror de embriagado.*

*Depois, como em painel, assentarão de um lanço
Árvores casas colinas para o habitual engano.
Mas será tarde demais; e eu irei quedo
entre os homens que não se voltam, com meu segredo.*

“O nada às minhas costas, o vazio atrás”. Esse é o medo deste período: o vazio às minhas costas, o vazio ao meu redor, o vazio interior, um vazio onde tentamos encaixar o que fazemos, produzimos, organizamos, nossos compromissos, nossas responsabilidades.

Fechados em casa, é como se fosse esfregada na nossa cara a pergunta: se hoje eu não posso fazer o que fazia, para que serve este dia, qual é a minha utilidade neste dia? Que sentido, que significado tem este dia, os meus dias? Mas, então, meu dia vale quando faço algo de útil? Eu

valho se fizer alguma coisa e, então, consisto na minha atividade? Quem sou eu, então? Qual o meu real valor?

Aqueles raciocínios que até recentemente tentávamos com dificuldade ordenar seguindo “O Senso Religioso”, de Dom Giussani, sempre com uma vaga suspeita de artificialidade, ou pelo menos de intelectualismo, agora emergiram na nossa experiência com violência. Em todas as manhãs deste período foi o que, com a velocidade da luz, percebíamos correr nas veias com o sangue e a batalha consequente, e que determinou e continua determinando as forças, o humor, o desejo de nos levantarmos, de viver.

Quantas vezes nos vimos procurando algo para fazer (que vergonha dizer isso, mas é assim!) como ir às compras para encontrar um pequeno alívio, passageiro, mas vendo que, numa quantidade diretamente proporcional, o vazio crescia dentro de nós e, com ele, a amargura, o medo e o descontentamento.

*Depois, como em painel, assentarão de um lanço
Árvores casas colinas para o habitual engano.
Mas será tarde demais...*

O niilismo, quer gostemos de chamá-lo assim ou não, de modo algum é um exagero ou uma fixação do momento, muito menos é teórico. Aliás, é uma tentação diária, que provoca uma batalha que travamos todas as manhãs. É a grande tentação da inconsistência do que fazemos, de nós e de todas as coisas e, dolorosamente, das pessoas que amamos. Essa inconsistência nos tenta durante todo o dia. É como se tropeçássemos em sinais que documentam isso continuamente: a suspeita de que tudo seja um engodo, a sensação de que as coisas são indiferentes, sem atração, sem interesse. Pensamos: no fundo, para que serve? Tudo passa. No fundo tudo me irrita, me incomoda, que chato! Entretanto, o que há de bom? Um caruncho interior - como define Carrón. Voltemos à primeira parte do Dia de Início de Ano, onde Carrón apresenta Azurmendi.

Não quero cutucar a ferida com muitos exemplos, mas me parece se de ajuda ver as consequências concretas que a tentação de niilismo introduz na nossa vida, justamente para que possamos tratá-las como consequências e não nos perdermos em medidas, em tentativas de correções moralistas sem entender que, em vez disso, é preciso ir até a raiz. É interessante nos ajudarmos a ver algumas delas. Por exemplo, o medo que normalmente sentimos à noite, ou quando recebemos mais uma notícia dolorosa, tem origem justamente neste sopro do nada. Assim, o torpor que nos mantém longe do que acontece, para não fazermos o esforço de nos envolvermos (“no fundo, não há nada para mim ali!”) ou a volubilidade com que tentamos nos preencher com alguma pequena consolação e, desse modo, aplacar a raiva e o descontentamento que sentimos diante da impotência, nossa e a dos outros, de mudar a situação, porque a vida corre por conta própria e não de acordo com os nossos planos: esta é a questão. Todas essas coisas têm como origem a tentação do “nada às minhas costas”.

2) Uma luta

Falamos de uma luta que acontece em nós. Mas para haver uma luta é preciso pelo menos dois opositores. Se, de um lado, há o nada tentando nos sugar como um abismo (primeiro opositor), do outro lado, o que há? A tentação do nada, que nos permeia, que desencadeia em nós uma inquietude. “Eu não sou feito para isso, eu não quero!”. Nosso coração fica inquieto. Há uma irreducibilidade em nós diante disso, como se tudo quisesse demonstrar que não vale a pena, que nada tem significado. Isso desencadeia em nós uma inquietude que não podemos arrancar de nós, uma irreducibilidade, e também uma vaga suspeita não admitida de que é um pouco abstrato, intelectual. Nessa situação, assim como de um lado emerge a tentação do nada, de maneira igualmente forte emerge a irreducibilidade de um desejo. Eu não desejo o nada! Eu não aceito! Não é possível! Não quero! Sou feito para viver, eu quero viver!

Vou lhes contar uma coisa que me impressionou. Entre os muitos vídeos que correm pela internet, chegou até mim o vídeo de uma bailarina muito velha, com Alzheimer, numa cadeira de rodas que, escutando nos fones de ouvido a música do *Lago dos Cisnes*, fazia, do modo como podia, os gestos cheios de graça de quando era bailarina. O vídeo intercalava imagens dela agora, sentada na cadeira de rodas com o olhar perdido, e imagens de décadas atrás dançando a mesma música

no palco. Um vídeo comovente, mas o grito que senti dentro de mim foi: não é possível que o tempo sempre leve tudo embora! Não é justo que uma beleza assim acabe e se torne nada! Neste período, diante de tantos lutos vividos de modo tão feroz, muitas vezes pela velocidade e pelo modo impiedoso com que muitos de nós vimos pessoas queridas morrerem, o desejo pela vida emergiu com toda a sua força. Isso é irreduzível. Nós não somos feitos para o nada. Há algo que resiste em nós. Mas mesmo na vida cotidiana mais banal essa inquietude, essa fome de significado, que antes descrevemos apenas pelo lado escuro da moeda, essa necessidade como nunca de um sentido, emerge justamente por causa da tentação do nada. A necessidade de significado surgiu em nós tão real quanto a pandemia. Muito diferente de abstrato! A necessidade de significado de cada gesto demonstrou ser o alimento mais concreto de que precisávamos. Somos sede e fome de significado. Isso foi e é inevitável na nossa experiência atual. Eu preciso entender e ter um porquê.

A outra face do medo é o apego a algo que não queremos perder. Se sinto medo, é porque estou apegado a algo. Dom Giussani disse em “O senso religioso”: primeiro vem a beleza, depois o medo de perdê-la. Não é meio a meio. Não há medo se não há, antes, a beleza. Mas a beleza pode existir sem o medo. Por isso, é muito importante dar-se conta do contragolpe inevitável, do apego ao real, à vida, do desejo que emerge, da necessidade de significado. É fundamental porque mostra quem somos, o que eu sou. Se não houvesse o medo, escorregaríamos no nada sem pestanejar. Porém, isso não acontece, não é possível. Houve realmente uma inversão do nosso padrão mental, cultural, pseudo-cultural. Antes, o que fazíamos nos parecia o “concreto” da vida, enquanto considerávamos o significado como o aspecto abstrato, interpretável, no mínimo subjetivo (todos sempre pensaram ser livres para inventar o seu porquê), no entanto – é impressionante! –, ficou claro na experiência deste período que o que precisamos concretamente, como a água e o ar, é de “significado”, tanto que sem isso, sem um bom, sólido, objetivo e concreto “porquê”, as coisas que fizemos e fazemos ficam abstratas, obscuras, vazias, sem sentido: o nada. Agora descobrimos que o concreto, o que dá concretude é o significado. Há uma estrutura inevitável, que me constitui: eu sou fome, sede, espera de um significado. Uma estrutura que freia o nada, que se contrapõe ao nada, que o combate e tenta resistir a ele. Sob esse ponto de vista, quanto mais somos conscientes disso, quanto mais o vislumbramos e o percebemos em nós, tanto mais também sabemos ler e vê-lo em nossa volta. Aquilo que, às vezes com um pouco de desprezo, estigmatizamos como expressões imaturas e superficiais de tantas bandeiras que levantávamos como “tudo vai ficar bem”, não seria acaso uma declaração ingênua de esperança? Era um otimismo fundado sobre o nada, realmente sobre o nada? Ou será que poderia ser um grito, distorcido o quanto quiser, mas, de qualquer modo, a documentação de uma humanidade que não sabe como, mas tenta resistir ao nada?

Claro, nem todos tiveram a Graça que nós tivemos de ser lembrados numa observação genial de Carrón, que nos colocou diante da verdade objetiva consequente: se há a pergunta, há a resposta. Ficamos um pouco surpresos. É muito simples. Ou muito cerebral, no sentido de intelectual, abstrato. Vou lhes dizer uma coisa: de todas as mudanças que tivemos que fazer para tornar as confissões possíveis, ou seja, não usar mais os confessionários mas salas inteiras, transformamos um pedaço de sacristia em uma bela sala com uma mesa e separada por placa de acrílico, para manter o distanciamento. Ao mover os móveis, encontramos um cofre na parede! Ninguém se lembrava dele. Era um cofre que ninguém podia abrir, porque não sabíamos onde a chave estava. Porém, uma coisa era certa: a chave existia (ou existe)! Não faria sentido algum fazer uma fechadura se não fosse feita uma chave. O exemplo é muito figurativo, mas é muito simples: ninguém duvida de que existe uma chave para a fechadura de um cofre. Talvez ela não esteja lá, mas deve existir. Porque a razão não poderia aceitar que alguém criasse um cofre com uma fechadura sem chave. Então, falando mais existencialmente: se eu sinto saudade, é por alguém que me faz falta. Não é possível sentir saudade de uma ideia. A saudade é a prova de que alguém existe, de que alguém existiu, de que alguém se moveu, porque senão não faria sentido. E então, se há em mim o desejo de significado, se eu sou desejo de significado, a alternativa é a mesma de um cofre cuja chave não foi inventada. É absurdo!

Mas, diante do cofre minha razão começa a rir, e diante do significado da vida, enlouquece. Se eu sou desejo de significado, é porque há uma resposta. É porque alguém me falta, o significado me falta, preciso dele. Nessa simples passagem está o grande recurso para resistir ao nada.

É preciso tomar consciência do que você é naquele momento: você é alguém desejado. Há alguém para quem você tem valor. Pelo fato de Ele ter-lhe feito sede d'Ele, está fazendo você

neste instante cheio de saudade, sedento, faminto, necessitado d'Ele, para poder se propor à sua liberdade, para que sua liberdade possa estar envolvida na espera, no desejo, na acolhida, na aceitação d'Ele.

Vamos ouvir uma música que descreve o percurso que fizemos até aqui, o percurso do nosso coração e do nosso desejo.

Deus, pra mim olho e eis que descubro:

Não tenho rosto

Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim

E só quando percebo que Tu és

Como um eco eu ouço a minha voz

E renasço como o tempo da lembrança

Coração, por que tremes?

Tu não estás só

Tu não és só

Amar não sabes e és amado

Fazer-te não sabes, mas és feito

Mas tu és feito.

Como as estrelas, lá no céu

No Ser, Tu, me faças caminhar

Faze-me crescer e mudar como a luz

Que aumentas e mudas nos dias e nas noites.

Faze minha alma como a neve que se colore

Como nos ternos cimos teus, sob o sol do Teu amor.

Olho no fundo, vejo o escuro, percebo que Tu és. Olho, vejo, percebo.

Não é mecânico. Temos que decidir fazê-lo. Só quando isso não é a repetição de uma fórmula, mesmo cantada, mas quando há um eu presente, um eu que se eleva em todo o seu desejo e em toda a sua inteligência, em toda a sua razoabilidade de razão aberta, desejosa, então começo a viver novamente. O “perceber” faz com que o reconhecimento se torne uma pergunta. Diz Isaías: “se rasgasses os céus e descesses!” (Is 63,19).

Coração, por que tremes? Tu não estás só, tu não és só. O grande trabalho é a autoconsciência, e a manhã é o caminho de cada um para reconhecê-lo dentro da luta entre o ser sugados pelo nada e, a partir do desconforto que sentimos, estar tão presentes a nós mesmos a ponto de reconhecermos que “Tu és”. Tu, Mistério, és.

O grande trabalho é justamente a autoconsciência, é esse caminho, como a canção descreve: no Ser, Tu, me faças caminhar. No Ser, não no nada. Faze-me crescer e mudar. “*Faze minha alma como a neve que se colore sob o sol do Teu amor*”: como um eco, como alguém iluminado pela Tua presença que emerge no meu desejo por Ti. Esta é a documentação que está ao alcance da mão, ao meu alcance, dentro de mim, na minha experiência de Ti. Faze-me desejar-Te, faze-me espera de Ti. Tu és. Faze-me caminhar todos os dias dentro de um percurso que do nada chega ao reconhecimento de Ti. Por isso, o silêncio, que é esse caminho, é a grande arma contra o nada.

Em suma, amigos, esta não é, em primeiro lugar, uma emergência sanitária. É uma emergência humana, uma verdadeira emergência humanitária, porque aqui, de modo evidente, tivemos a oportunidade de ver emergir qual é a nossa maior necessidade. Por isso, não é qualquer solução que está à altura do problema.

3) Tentativas inadequadas

Experimentamos como ficou evidente em algumas tentativas às quais cedemos e continuamos cedendo, que elas não estão à altura da nossa humanidade, ou seja, do nosso desejo. Sempre dissemos isso, mas agora tornou-se experiência que a resposta, o significado do qual temos sede e fome todas as manhãs não é uma explicação.

a) Repetir o discurso.

Carrón disse, de modo lapidar: “*Um pensamento, uma filosofia, uma análise psicológica ou intelectual não são capazes de voltar a pôr o humano em movimento, de dar mais fôlego ao desejo, de regenerar o eu*”. Lembrem-se de quando éramos crianças e nos diziam (e agora nós dizemos às crianças): “se você não estudar, não vai se desenvolver, se você não estudar não terá um futuro”. Verdadeiro, lógico, congruente e claro. Mas nenhum de nós nunca abriu um livro por causa disso. E nunca vai abrir. Entender uma coisa não significa que é suficiente para que o eu se mova. Na verdade, se o eu não se move, é porque não entendemos uma coisa; achamos que a entendemos, mas em vez disso, simplesmente a encaixamos em um discurso que já temos na cabeça, no universal – como padre Pino disse na última Escola de Comunidade –, ou seja, em uma teoria cristã ou de CL. Vamos aprofundar: entender uma coisa significa amá-la, ou para entendê-la é preciso amá-la, significa ser atraído por ela, viver agora a consciência de que aquela coisa é parte da resposta ao meu desejo de felicidade e de plenitude, ou seja, que tem a ver com o meu desejo. Cuidado com isso, porque a insídia é grande, aliás, se prestarmos atenção, provavelmente seja o maior descuido em que caímos regularmente. Por isso, é muito significativo, do ponto de vista do método, que Carrón tenha nos colocado diante de Azurmendi, ou seja, do seu modo de estar diante do Movimento. Porque podemos estar diante de dezenas de fatos que nos surpreendem na nossa companhia, que nos comovem, que acontecem diante de nós... Quantos deles ouvimos, a quantos assistimos, quantos podemos relatar? Mas, depois, é como se os encaixássemos no universal, no já conhecido. Dom Giussani diz: *nós os inserimos em um universal abstrato*, ou seja, olhamos para eles, os tratamos como a confirmação de algo que nós já sabemos. Não como algo, alguém que está acontecendo agora e me pede apenas para segui-lo. Ou seja, inserindo-os num universal abstrato, naquilo que já sabemos, usando-os como confirmação de algo que já sabemos, que é imóvel e que é abstrato, nós os esterilizamos do seu ser Acontecimento. Não é que não vejamos os fatos, disse Carrón – Azurmendi é um diletante em comparação com o que vimos na nossa companhia durante anos e décadas –, mas enquanto ele seguiu obedecendo à correspondência que reconheceu, nós inserimos esses fatos em um universal abstrato: a abstração do Movimento, do carisma que já conhecemos, que já controlamos. Mas diante de uma mulher que nos apaixona, diante de um homem que nos apaixona, não é que inserimos ali os fatos como confirmação do que é a paixão porque assim ficará mais claro o que é a paixão! Seguimos, e aquele fato, aquele gesto para mim exprime uma presença que está me mostrando e que acontece na minha frente, me chama e eu vou atrás dela. Não me confirma qual é a teoria do amor. É por isso que em Azurmendi muda tudo, muda o conhecimento, é conhecimento verdadeiro. Mas nós, diante das mesmas coisas, o carisma não é mais o reacontecer do Acontecimento que seguimos, que reconhecemos aqui e agora – precisamente como uma mulher que me fascina, por quem me apaixono – mas esses fatos adornam, confirmam a abstração que temos na cabeça. Isso é impressionante. Precisamos olhar bem para isso, porque é realmente um perigo, uma redução terrível do Acontecimento. Sabemos falar dos fatos, os fatos nos surpreendem, nos impressionam, mas não nos movem. Nós os esterilizamos, os colocamos no universal abstrato. E esta é uma alternativa estéril porque significa que, aconteça o que acontecer, no fundo eu não me movo.

Era justamente isso que Jesus repreendia na sua geração, nos seus compatriotas: “Tocamos flauta para vós e não dançastes!”. Não é que eles não tivessem ouvido a flauta, que não a tivessem percebido. Não se moveram! Não significou nada. Eles viam, e como! Mas não obedeciam. A ideologia, o discurso não são suficientes. Nem a ideologia e os discursos cristãos. Imaginem os outros! E não foi preciso explicar isso, sentimos dentro de nós o tédio de certos discursos, de certas análises e garantias que ouvimos na televisão, nos púlpitos e até nas nossas Escolas de Comunidade e nos nossos grupos. No entanto, emergiu com força em nós um detector que não nos lembrávamos mais de possuir. E descobrir isso na experiência não é pouca coisa! Que a ideologia não basta não é uma afirmação, é um convite a reconhecer isso na sua experiência. Quando se tornou uma ideologia, um universal abstrato, não um Acontecimento, nos entediou, porque nosso desejo não erra.

b) Agarrar-se às regras também mostrou-se inadequado.

Sempre parece que somos contra as regras e que desejamos a total falta delas. Mas não é assim! Ficou evidente que a tentativa de controlar a realidade por um lado e a si mesmo por outro, com regras claras que eu impunha a mim mesmo, não deu resultado e revelou ser uma tentativa inútil e ilusória. O grito disseminado da necessidade de significado não foi aplacado pelo contentamento

inicial (pode acontecer) de seguir bem a regra da São José, do Movimento, da Igreja. Repito: não é que seja contra a regra, mas a tentativa de responder com isso não funciona.

c) Então nos contentemos!

Dito desse modo ninguém de CL aceitaria, temos um antivírus que é acionado imediatamente, mas na prática todos nós, um pouco como as crianças que sempre tentam, que não se rendem nem diante da experiência, buscamos nos contentar de algum modo. Como não conseguimos manter a vertigem dessa pergunta, as tentativas de renunciar a preencher o desejo para nos contentarmos com algum substituto nos acompanharam diariamente, e continuam nos acompanhando. E nós vimos isso enquanto fazíamos, quase impotentes diante das tentativas que nós mesmos criávamos.

4) Então, o que realmente nos arranca do nada?

O que realmente responde? Cada um de nós sabe. Sabemos quais foram os momentos, as ocasiões, os instantes em que respiramos. Quais foram os momentos em que estivemos cheios de certeza?

Dom Giussani diz uma belíssima frase que temos repetido nesse período: *“Não consigo encontrar outra indicação de esperança a não ser na multiplicação de pessoas que são presenças”*. Quando vimos uma menção de uma resposta à altura do desejo? Quando nos deparamos com pessoas que se revelaram ser uma presença, uma autoridade, ou seja, pessoas nas quais vimos que o nada tinha sido vencido pelas coisas que diziam, pela maneira como as diziam, pela consonância imediata com a nossa necessidade. Carregavam a resposta para nossa sede de significado transmitindo-a na sua carne e no brilho de seus olhos. Pessoas que nos fizeram reviver no instante a paternidade do carisma, ou seja, do Espírito de Cristo que nos alcançou através de Dom Giussani. Por isso eram autoridades. Foram os “eu” regenerados que, naquele instante, nos regeneraram através de sua humanidade diferente, mais realizada, mais desejável. Não supermulheres ou super-homens, mas naquele instante os reconhecemos pelo respiro que experimentamos. Ecoa na nossa experiência o que ouvimos outras vezes e que talvez tenhamos acolhido e tornado nosso como uma análise inteligente do momento, mas que agora, ao contrário, realmente entendemos. Trata-se da afirmação de Dom Giussani: *“Este é o tempo da pessoa”*. *“Quando nos reunimos, por que o fazemos? Para arrancar os amigos e, se pudéssemos, o mundo inteiro, do nada em que todo homem se encontra”*.

O significado se fez carne há 2000 anos, e como atravessou a história? De coração em coração, de liberdade em liberdade, de maravilhamento em maravilhamento, a partir de um sim – o de Nossa Senhora –, de sim em sim, através de Dom Giussani, mediante rostos e amizades que você conhece, alcançou você. Agora! Ele está te alcançando agora. Este é o coração do Mistério do Natal. Carrón diz: *“O que arrancou do nada a pecadora do Evangelho não foram seus pensamentos, seus propósitos, seus esforços, e sim uma Presença que tinha tamanha paixão, tamanha preferência pela pessoa dela, pelo eu dela, que ela foi conquistada”* (p. 59; a referência é a Lc 7,36-47). E agora conquista a mim e a você. A contemporaneidade de Cristo se realiza hoje no Seu corpo que é a Igreja.

5) O Advento

Há duas condições, porém: a primeira, é olhar. E não é óbvio, porque para olhar, para ver é necessária toda a sua humanidade do modo como a descobrimos e descrevemos até aqui: a sua humanidade ferida pela tentação do nada, a sua humanidade frágil e vulnerável, e o seu coração que, justamente porque provocado pelo nada, ferido pelo nada e por uma fragilidade, começa a ser si mesmo, ou seja, desejo. Parece complexo descrever isso, mas na experiência é fácil, é simples e é cotidiano. Não há necessidade de nada além da sua humanidade assim como ela é, como acorda de manhã, como é agora, como será em meia hora. Se Deus se fez carne, “é preciso estar na carne para entender Jesus” – diz Dom Gius –, o que nos faz entender Jesus é uma experiência. Se Deus, o Mistério, tornou-se carne nascido das entranhas de uma mulher, não é possível entender nada do Mistério senão partindo de experiências materiais, das entranhas.

Vamos ler o cartaz:

“Ele está presente aqui e agora: aqui e agora! Emanuel. Tudo deriva daqui; tudo deriva daqui, porque tudo muda. A Sua presença implica uma carne, implica uma matéria, a nossa carne. A presença de Cristo, na normalidade da vida, implica cada vez mais a batida do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de estranho, nasce uma afeição por tudo, tudo, com as suas consequências magníficas de respeito por aquilo que fazes, de precisão naquilo que fazes, de lealdade para com a tua obra concreta, de tenacidade em perseguir o seu objetivo; tornas-te mais incansável. Realmente, é como se se delineasse um outro mundo, um outro mundo neste mundo”.

Para identificar a resposta na carne é preciso olhar. A primeira condição é olhar. Quem sabe que vai encontrar, olha; e sabe que vai encontrar porque já foi encontrado. Por isso, o Advento é só e unicamente cristão, porque esperamos Aquele que já veio.

A segunda condição é reconhecer. Isso também não é óbvio, porque para reconhecer é preciso ser pobre, ou seja, não ter nada para defender, nenhuma imagem. Não é você que decide como, onde e quando. Em relação a isso, é bonito o Advento, e o Natal, porque se os fariseus podiam estabelecer imagens sobre o Messias, sobre como deveria ser, quando deveria ser, derivando disso avalanches de citações, de estudos, de interpretações, os pastores não tinham nada a defender. E se moveram, assim como os Reis Magos. Quando chegaram a Jerusalém e tiraram de todos os livros e tinham o lugar e o tempo (quase o tempo, mas certamente o lugar onde aconteceria) eles tinham-No ali, a vinte quilômetros. Não se moveram. Incorporaram-no em seu universal abstrato. Reconhecer o Acontecimento não é óbvio. Ir atrás dele pelo que é – um Acontecimento – não é óbvio. Os três Reis Magos fizeram isso. O Advento e o Natal estão cheios dessas figuras, dessas imagens, desses recursos: não é você quem decide como, onde e quando. É preciso a disponibilidade e a pobreza de quem não pretende já saber. É assim. Disponibilidade significa ser tão pobres a ponto de não ter a pretensão de já saber.

Vamos terminar lendo juntos como Carrón nos introduziu ao Advento na última Escola de Comunidade:

“O Advento é o tempo dessa espera no qual a Igreja nos introduz mais uma vez. Cristo responde a essa espera – que ninguém pode eliminar, como vimos – com uma Presença que fala através de fatos, tanto no início como hoje. O método é sempre o mesmo, como o Evangelho constantemente nos lembra. Sempre me surpreendo com essa frase de Jesus: ‘Bem-aventurados sejam os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque escutam. Em verdade vos digo, muitos profetas e justos desejaram ver o que estais vendo, e não viram. Desejaram escutar o que estais escutando, e não escutaram’ (Mt 13,16-17). Isso também se aplica a nós que sempre, quando nos encontramos, ouvimos todas essas histórias e vemos todos esses fatos, dia após dia. Fatos são a modalidade através da qual Ele nos chama para a conversão, agora. Então, nós fazemos parte dos bem-aventurados de que fala o Evangelho. Diante desses fatos cada um de nós pode verificar hoje a própria disponibilidade, como fizeram aqueles que estavam diante dos fatos há dois mil anos, podendo se recusar reconhecê-los: ‘Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Se tivessem acontecido em Tiro e Sidônia os milagres feitos no meio de vós, há muito tempo, elas teriam se arrependido’ (Lc 10,13). Por isso, ajudemo-nos – testemunhando uns aos outros – a ir atrás desses fatos para que não tenhamos que ouvir: ‘ai de ti!’. Na verdade, através desses fatos, Quem está chamando? Jesus continua: ‘Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita; quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou’ (Lc 10,16). É através do testemunho de alguém presente que Cristo nos chama hoje, Ele que ainda tem misericórdia de nós e bate à nossa porta neste início do Advento para tomar tudo de nós e para poder chegar a todos através de nós. Então, bom Advento!” –, ele nos disse, e nós repetimos.

Fraternidade São José
Retiro de Advento por videoconferência
21-22 de novembro de 2020
Domingo

Música: *A. Dvorák, Quinteto para Piano em La maior, Op.81*

O Mistério tornou-se presente até se fazer visível, uma Presença experimentável. Ele veio ao nosso encontro e nos escolheu para abraçar o mundo e arrastar consigo o mundo inteiro. É o conhecimento, a consciência que abre as dimensões do ser e da beleza; é essa consciência de ser que abre as dimensões da verdade e da beleza do mundo que é Cristo.

Canções: *Canzone di maggio*
Haja o que houver
(Haja o que houver, eu estou aqui. Haja o que houver, espero por ti, Volta no vento, meu amor! Volta depressa, por favor! Há quanto tempo já esqueci porque fiquei longe de ti. Cada momento é pior, volta no vento, por favor! Eu sei quem és pra mim. Haja o que houver, espero por ti).

Padre Michele Berchi

Vamos começar esta Assembleia, tão nova na sua modalidade. Encontrarmo-nos desta maneira é como se fosse um desafio a entrarmos ainda mais no essencial da ajuda que podemos nos dar. Então tentemos nos ajudar para que seja um trabalho útil, para que seja um passo que o Senhor nos faz dar juntos.

Colocação da Itália

Querido padre Michele,
depois de estar num Pronto Socorro por causa de febre alta e sensação de falta de ar, meu exame deu positivo para Covid e fiquei trancada por 15 dias num quarto de 12m². Naquele dia, minha colega mais próxima me escreveu: “É mesmo um azar!” Lembro que não estava só com medo, estava aterrorizada com a ideia de uma possível internação. Os colegas me advertiram: “controle a saturação de oxigênio e o número de respirações por minuto; se piorarem você deve chamar uma ambulância”. Diante da mensagem da minha colega, minha reação inicial foi de profunda raiva e revolta (eu também tinha pensado a mesma coisa por um momento), mas depois, olhando as mensagens do celular, fiquei paralisada diante de um quadro de Nossa Senhora segurando o Menino, e uma pergunta nasceu espontaneamente: será que Tu me dás tudo isso só por azar? Olhando para a figura da Mãe com o Filho, respondi que não era possível que tudo o que estava acontecendo pudesse se fechar em uma definição tão banal e incompleta como aquela. Pareceu-me evidente que Ele estava dando aquela nova circunstância especialmente para mim, e eu não entendia por quê. Num piscar de olhos, passei de cuidar para precisar ser cuidada. Lembrei-me daquele trecho que diz: “quando fores velho, estenderás os braços, e outro te cingirá e te levará para onde não queres...”. A única coisa que restava era deixá-Lo agir, com uma certeza embrionária de que tudo (até uma eventual internação) seria para mim e não contra mim. Comecei a fazer silêncio, o verdadeiro silêncio. Segui os cuidados que me indicaram, rezei, também sem fórmulas, num diálogo constante. Meus filhos cuidaram de mim. Os amigos me fizeram companhia através de mensagens, vi através do PC como o padre Gianni e a Angela servem o Senhor através da Santa Missa, li todos os dias um pequeno trecho de “O brilho dos olhos”, vi através da janela o alternar-se do dia e da noite através das árvores do parque Adda, que fica na frente da minha casa (as árvores também me foram dadas naqueles dias!). Depois de 15 dias, ainda com um resultado positivo, era ainda mais evidente que o Senhor me queria ali. Quando pude sair do quarto, passei uma semana inteira ajudando as crianças com as tarefas escolares, algo que antes eu não suportava: agora, eu gostava. Talvez quando você tem medo de perder a vida começa a apreciar tudo, mesmo o que é mais difícil para você ou, talvez, apenas fique mais clara “a tarefa”, que não é o que você tem em mente, mas é simplesmente estar com seriedade onde Ele te quer: tudo se torna mais vivível. Tive a mesma sensação ontem quando voltei ao trabalho. Rezei e estou rezando para não perder essa pequena maior autoconsciência de ser feita e

amada: como é verdade que eu sou Tu-que-me-fazes! Tenho uma pergunta sobre o terceiro ponto. Você fala das tentativas inadequadas e diz que não basta “repetir o discurso” para vencer o desafio do nada. Como é possível ficar diante de uma pessoa a quem você ama e que destrói seu coração porque você a vê jogar toda a realidade no lixo? Minha tentação pessoal é a de pegá-la “pelo colarinho” pensando que isso pode ajudar, mas todos sabemos bem, por experiência, que isso não salva. Eu rezo por isso, mas de qualquer forma gostaria de uma ajuda sua.

Obrigado, porque você nos fez refazer todo o percurso da palestra de ontem, começando pelo contragolpe, que é o que encontramos em todos nós e que você sintetizou com um termo que para nós italianos é muito claro: um “azar”. É realmente uma maneira, como você disse, banal, superficial, mas no fundo cheia de um nada, é como dizer que a vida é uma roleta, ou seja, “movida por mim”. Experimentamos uma sensação de injustiça, mas não temos coragem de nos dirigir a alguém reclamando, simplesmente registramos que nos incomoda, que não é o que queremos, que é contra o desejo. Esse modo de reagir certamente é superficial, mas nossa humanidade contém em si uma revolta contra a Covid, contra a falta de respiro, a possibilidade de morrer. Por isso disse que na sua colocação há todo o percurso da palestra: há a reação, há o nada que nos assusta, que ameaça, mas na carne, nas entranhas, na angústia, no respiro que falta. Então não combatemos a teoria do niilismo, mas o ímã do nada que nos atrai, porque quando a possibilidade da morte é real, quando nós a sentimos na carne, é tudo menos uma teoria abstrata. Mas também sentimos uma revolta. E o impressionante é que parece não haver uma saída. Porém, em algum momento – você disse –, há uma passagem, talvez temporalmente breve, um instante. Pode levar muito tempo para chegarmos a esse instante, mas é a passagem que você descreveu citando o Evangelho de Pedro. Ou seja, diante dessa realidade posso reconhecer a presença de alguém que me convida a dar um passo com ele em direção ao que eu não gostaria que acontecesse: “outro te cingirá”. É um instante. Mas a partir daí, há uma sucessão de consequências: a mudança do olhar, o surgimento da gratidão, a reconquista de toda a realidade com um gosto e uma intensidade novos, que nos faz valorizar até as árvores. Mas o que é esse instante? Esse instante é justamente a fé, brandida por sua liberdade. É o sim. Ou seja, toda a minha pessoa se eleva diante da realidade e, reconhecendo uma Presença, pode dizer: sim, aceito. É difícil descrevê-lo em teoria, porque é um instante, mas ao mesmo tempo é tudo. O sim significa: aconteça o que acontecer, se Tu estás comigo, eu aceito. E sabemos muito bem a vertigem do momento, do instante, quando temos diante de nós a possibilidade de uma doença, de algo que nos assusta. Dizer sim e, portanto, nos apoiarmos inteiramente na fé, é uma experiência única, porque no instante seguinte tudo é libertado. Começamos a respirar. Mas o que é a fé? Ela é feita de luta, de batalha. E uma batalha é um passo razoável, não é fechar os olhos. Enquanto todos nos dizem “felizes são vocês que têm fé, feliz é você que pode fechar os olhos e confiar”, nossa experiência é exatamente o oposto: é preciso que os olhos estejam bem abertos para o passado, para a minha história, para o presente. Participemos desta assembleia com esse pedido, para entender melhor o que é a fé, como é possível dar esse passo, dizer sim, como é possível dizê-lo por ser razoável, porque é humano. Muitas das perguntas que chegaram carregam a suspeita de que esta passagem é uma operação intelectual, como se alguém precisasse encher a cabeça com pensamentos estranhos, um pouco complicados para conseguir... Mas esta não é a nossa experiência. Deixo esse ponto aberto para aprofundarmos o que significa a passagem em que a pessoa diz “sim”. A resposta sobre a própria experiência é a resposta à sua pergunta. Para entender o que é útil para o outro, é preciso entender o que foi útil para você. É muito verdadeira a sua preocupação, a angústia que muitas vezes experimentamos pelos filhos, pelas pessoas caras, pelos amigos queridos: gostaríamos de intervir e pegá-los pelo colarinho. Mas, quando aconteceu de nos movermos porque a verdade se descortinou na nossa frente para nos convencer? Nunca nos movemos por causa disso. Então, o que nos move? O que torna possível o sim? O que o torna possível para mim é o método, e isso me torna útil também para os outros. Quanto mais tenho consciência do que me aconteceu, mais posso ser um instrumento útil, como uma ajuda e não – como diria Carrón – como um problema, como quando, para ajudar, intervimos de modo instintivo, desordenado, a partir do que, na nossa cabeça, é o bem do outro.

Colocação de São Paulo - Brasil

Em primeiro lugar, quero lhe agradecer, padre Michele, por essas palavras que me comovem e me dão esperança. Quando você fala da regra, não é que ela seja suficiente para mim ou me salve. Estou literalmente me esforçando (e falhando) para viver a regra como se fosse um último recurso para me libertar do nada em que me sinto caindo tantas vezes no decorrer do dia. Todas as manhãs quando acordo, com todas as minhas responsabilidades, agora que estou trabalhando em home office, antes de rezar eu ligo o PC e só quando já estou conectada, rezo. Sinto-me mal com isso. Mas, ou faço assim, ou não rezo. Acho que estou sempre colocando o Senhor em segundo lugar, porque o primeiro é para o trabalho, para os compromissos. Graças a Deus, você falou sobre a luta de cada manhã. Se entendi corretamente, é a luta entre o ser e o nada. Gostaria de aprofundar essa questão. Se a luta é diária, não há um ponto de chegada? Sempre tenho que travar essa luta? Como é para você? Minha carne deseja uma mudança, no sentido de ser mais fiel, mesmo sendo “arrastada” e muitas vezes caindo miseravelmente. O desejo de não precisar se envolver nessa luta é uma tentação? Eu não quero ceder, quero vencer. É certa essa posição?

Eu não quero ceder, quero vencer. A alternativa à luta, a alternativa à batalha – diria Carrón, com um exemplo que sempre me fez sorrir – é o cemitério, onde o Senhor reinaria soberano. E hoje, em vez de celebrar Cristo Rei do universo, celebraríamos Cristo Rei do cemitério, que reina onde todos os inimigos já foram exterminados e onde não há mais nenhuma luta. Mas na nossa experiência cotidiana, também física, a luta não é contra... A dramaticidade da vida que nasce da ferida, da nossa humanidade, que nasce do nosso esquecimento, do nosso estar, muitas vezes, distraídos, do deixar que a vida seja tomada por mil pequenas coisas, mas que às vezes preenchem todo o horizonte do nosso interesse, como nos deslumbrando, não é contra nós. Eu costumo dar este exemplo: quando me convidam para comer na casa dos amigos, sempre espero que me convidem para o jantar, pois normalmente chego com mais fome: como pouco no almoço e à noite eu devoraria os convidados. Seria muito ruim chegar num churrasco sem fome. A fome não é um problema quando temos o que comer. A fome, ao contrário, é um problema para quem não tem o que comer. E assim, o desejo que emerge da luta cotidiana, da necessidade de uma resposta não é contra, mas podemos dizer isso por causa do encontro que fizemos, porque a resposta se introduziu: Aquele que responde entrou na realidade da nossa vida. Por isso, nos recolocarmos em caminho é a única possibilidade de não dar tudo por óbvio. Nossa dificuldade, o maior risco, é justamente ficar impassíveis diante da resposta porque não temos fome, porque não estamos diante daquilo que somos, que é necessidade de desejo. É como a mãe dizendo à criança para não comer doces antes do almoço porque tira a fome e depois não vai comer. Isso não faz bem, porque você não sente apetite pelo que te nutre e depois de meia hora terá mais fome do que antes, mas não será mais hora do almoço. Desculpe o exemplo banal, mas a luta não é contra nós. E podemos dizer isso justamente porque Cristo se fez homem, porque Ele veio ao nosso encontro. Assim, o Advento que iniciamos não é contra nós, é a tentativa que a Igreja faz – e, portanto, o próprio Cristo faz – de nos colocar educativamente numa posição na qual perceberemos a necessidade que temos, a espera que somos, porque com a Sua vinda podemos encontrá-Lo. Qual é a coisa mais terrível documentada no Evangelho? Que Seu povo, que tinha se preparado durante séculos, não O esperava; não porque não precisasse d’Ele, mas porque esperava que Ele fosse diferente. Estava fechado em suas próprias imagens que, de algum modo, encerravam a espera. Porém, a característica de Deus que se fez homem é que quanto mais estava presente, mais fazia nascer a vontade de que estivesse lá. Quem O encontrava tinha o desejo ainda mais despertado, em primeiro lugar porque tinha a confirmação de que havia uma resposta... então eu não fui “feito com algum defeito”, não sou louco, eu não sou defeituoso. Que belas as colocações de muitos que, diante da descrição desse drama, dessa batalha, disseram: sempre achei que tinha algo errado comigo, sempre achei que era um problema meu, sempre achei que talvez uma ajuda psicológica... e em vez disso descobri que isso não é uma doença, não é um contra, é um percurso, um caminho, um estar numa posição que torna o encontro possível. Olhem que o moralismo com o qual diariamente nos medimos e matamos a nossa humanidade diariamente dizendo “há algo errado comigo” – que é fonte de muita raiva, de muitas consequências que outros têm que suportar – nasce justamente desse equívoco: de pensar que a luta não é necessária. Sempre preciso travar essa luta? Sim, porque isso nos coloca em caminho. Este é o primeiro aspecto do que foi descrito entre o “azar” e o sentimento de que isso não basta, de que não é assim, de que não pode ser apenas má sorte. Mas se a luta não existe, você não existe, o desejo torna-se uma reclamação em vez de se tornar uma abertura, uma espera.

Colocação de Nova York

Quando penso no nada, penso em algumas passagens do Evangelho, especialmente naquelas em que Cristo é rejeitado até por aqueles que viram os milagres. Por exemplo: quando Cristo ressuscitou Lázaro dos mortos, alguns correram para contar aos fariseus. Quando os dez leprosos foram curados, apenas um voltou para agradecer. Quando Cristo estava sendo julgado por Pôncio Pilatos, alguns que conheciam Seus milagres e Suas obras repetiam “crucifica-o”. O nível de liberdade se joga também diante de mim, nas minhas interações cotidianas, através da minha interpretação das coisas ou através da minha pobreza de espírito. Acho que, através da reflexão ou do silêncio, a minha liberdade, ou a minha falta de liberdade, se realiza na maneira como interpreto os acontecimentos. Quero sair disso, ir em direção a uma liberdade mais verdadeira, livre de interpretações, para realmente ver as coisas como elas são.

Cristo vem continuamente para despertar a minha humanidade através do meu desejo. Minha consciência deve ser formada para desejar as coisas que realmente me saciam e não as que me deixam vazia. O valor da companhia, independentemente da distância, está me fazendo olhar e reconhecer na minha experiência o que realmente me satisfaz. Qualquer experiência pode me levar a desejar novamente, mas só uma me dá consciência, enquanto o resto me deixa querendo mais e melhor, coisas novas ou melhoradas, mas coisas que eu possa controlar ou alcançar sozinha.

Acho que todo desejo pode chegar a Cristo se somos acompanhados, se estivermos abertos e disponíveis. Por vir de uma formação cultural budista moralista, sempre pensei no desejo como algo ruim, algo que causará sofrimento, porque não há como satisfazer esse Desejo Desconhecido, então a proposta é “seja feliz com o que você tem”, ou com o que você pode alcançar. Há meia verdade nisso, porque sem a Graça não posso alcançar Cristo. É puramente um dom Seu.

Não tenho mais medo dos meus desejos porque, se meus desejos não forem realizados, entendo que ou não o são por enquanto, ou é um bem que não se realizem neste momento. Só consigo pensar dessa forma quando reconheço minha relação com Cristo. Em nenhuma relação posso ter tudo o que quero: se eu tivesse, já seria santa, porque a vontade d’Ele seria a minha vontade, então eu teria tudo.

Obrigado, porque você nos testemunha que o desejo não é óbvio e que quem que não conhece Cristo, quem que não O conheceu, vive o desejo como um problema, como algo a ser eliminado, como – no fundo – uma doença, uma contradição. É verdade que o budismo tem essa concepção, mas, como você disse, posso olhar para o meu desejo sem ficar tentando me contentar porque encontrei Cristo, porque é como se a minha humanidade tivesse sido confirmada: não está doente, ela não está errando. Corremos o risco de dar isso por óbvio porque crescemos numa sociedade determinada pelo cristianismo que, mesmo sem saber, sempre exaltou o desejo. Para nós, é bom alguém ter desejo, mas onde não há Cristo isso é um problema, é um incômodo, porque não posso controlar, porque – como não há resposta – não posso ficar diante dele. É uma meia verdade “seja feliz com o que você tem”, mas no sentido, na nossa experiência, quer dizer que em tudo que temos nas mãos há a possibilidade, o caminho para nos abirmos à relação com o Único que responde ao desejo. Há uma maneira de nos contentarmos com o que temos que é tentarmos diminuir o desejo, censurá-lo. Ou há uma maneira de descobrir que todas as coisas que tenho nas mãos, meus filhos, as máscaras, as árvores, os colegas, sobretudo uma companhia, mesmo que distante, tudo é algo que é me dado por Alguém, agora. Portanto, não é que o que eu tenho me basta, mas o que eu tenho está cheio dessa Presença, é um gesto dessa Presença, é algo dado a mim por essa Presença, por Aquele que me dá tudo. O que tornou possível que meus olhos reconhecessem isso? O que me liberta da interpretação? – que significa: da subjetividade, da falta de certeza. Este é um grande desafio para todos. Por isso, a grande ajuda que tentamos nos dar é olhar para a realidade, olhar para nós mesmos, olhar para o que acontece para entender o que é objetivo, ou seja, que não podemos mudar, que – mesmo que erremos – depois vem à tona como realmente é. A questão do desejo é o primeiro ponto fixo que não é uma interpretação. Porque eu posso fazer de tudo, mas esse desejo continua surgindo, continua sendo objetivo. Para usar o seu exemplo, o budismo não consegue apagar completamente o desejo: isso é possível apenas para poucos, com grandes esforços durante muito tempo, através das grandes artes orientais, tentando mantê-lo à parte, mas, na realidade, basta uma pandemia, um vírus,

basta ficar fechado em casa para começarmos a sentir medo. O que está acontecendo neste período realmente me parece ser uma educação, uma maneira pela qual o Senhor está nos ensinando algo. Ele está usando uma das menores e mais insignificantes coisas do universo, como um vírus, para derrubar todo o sistema de interpretação ocidental e oriental de tentar controlar o desejo, ou seja, controlar a natureza do homem que é feita para Deus, que é feita para esperar por Deus, para ter necessidade de Deus. Isso ficou evidente em todos e derrubou tudo em um instante, fazendo-nos parecer ridículos em nossas tentativas sofisticadas. É como quando você bate em um poste: não é uma interpretação. É só uma coisa fixa que está ali, que não conseguimos mover e com o qual que temos que nos acertar. Porém, é preciso responder à pergunta: como Cristo deixa de ser uma interpretação?

Só gostaria de dizer que, no silêncio, estou descobrindo que é para o meu crescimento, é para mim, para que eu cresça.

Exato. É para o seu crescimento, para o nosso crescimento. E descobrir isso não é uma interpretação. Vamos usar o belo exemplo do Evangelho lembrado por Carrón. O cego de nascença não tem dúvidas. Podem lhe dizer o que quiserem. E continuam fazendo a ele as mesmas perguntas. Depois, vão até seus pais perguntar: é realmente verdade que ele nasceu cego? Ele só tem uma coisa a dizer e não está errado. Como diz Carrón – Deus não tem medo de lançá-lo no meio de todas as interpretações com uma única certeza: eu não via, agora vejo. Ponto. Vocês podem dizer o que quiserem, interpretem como quiserem. E eles lhe dizem: mas ele anda com pecadores... Na verdade, é uma pergunta verdadeira. Ele responde: nunca se viu alguém que seja pecador, ou seja, que não seja um profeta, que não venha de Deus e que possa curar... são vocês que deveriam me explicar isso, eu só posso contar o que aconteceu na minha vida. Vocês podem dizer o que quiserem, mas eu não via e agora vejo. A verdadeira questão é se percebemos isso, se temos consciência disso. Por isso ficamos tão impressionados com Azurmendi no Dia de Início de Ano. Nossos amigos para quem a mudança é clara e mostram com a própria vida que “antes eu era assim e agora sou assado”, são de grande ajuda. Isso não é uma interpretação. O que nos ajuda a perceber isso? Porque não é óbvio. Vejamos o exemplo dos leprosos: apenas um entre os dez percebeu o que era objetivo para todos. Antes eram leprosos, depois disso não eram mais. Não é uma interpretação, mas você pode não olhar para isso, pode não considerar, pode dar por óbvio, pode até ser curado da lepra e...

É um nível da liberdade. Fico maravilhado, fico maravilhado com os meus amigos, com a minha família e quero agradecer ao Senhor porque fico maravilhado quando olho para o meu passado.

De fato, estou dizendo que somos todos gratos por isso, porque é como estar diante do cego de nascença, do décimo leproso, ou seja, de quem se dá conta, olha para trás. É uma questão de liberdade, você tem razão, é como ter alguém que me faça ver, que me ajude a olhar, que me torne consciente disso. Acho muito importante o que você está nos testemunhando, também a última coisa que você disse sobre sentir gratidão ao olhar para o seu passado, porque a tentação é pensar que a autoconsciência, ou seja, que o dar-se conta do que me aconteceu, do que eu sou, seja uma coisa abstrata.

Sei que a liberdade é um ato da Graça, mas também há meu desejo. Como essas duas coisas estão juntas?

Isso foi dito até agora. O desejo é objetivo. Não é você que se dá o desejo. O desejo é a estrutura, a necessidade é a estrutura da nossa natureza, ou seja, fomos criados sedentos de nos relacionarmos com Cristo. É verdade que a liberdade está envolvida, porque eu posso me opor a essa verdade. Posso querer outra coisa. Posso não querer ver tudo. Sabemos disso muito bem. É como quando alguém se apaixona. A paixão acontece, mas depois eu posso me mover e seguir essa paixão ou posso começar a dizer: não, quem sabe onde vai me levar... estou bem na minha casa... Estou banalizando um pouco, mas não muito. Diante do desejo, a minha liberdade é despertada por uma presença. A liberdade decide se vai ou não atrás do desejo e de Cristo, que responde a esse desejo. E isso é algo que acontece todos os dias. Quando nos levantamos de manhã e sentimos toda a amargura, toda a dificuldade, e percebemos a nossa necessidade, para

onde olhamos? Ou, melhor, nós decidimos para onde não queremos olhar. Somos nós que decidimos. Por isso, a liberdade está em jogo. A liberdade está sempre em jogo diante de algo que é objetivo. Então, mesmo aqueles que viram o cego de nascença ser curado, decidiram. Porque não é que ver um homem ressuscitar, como Lázaro, me deixa indiferente. É claro que me atrai. É a resposta para o que eu desejo. É um a mais de vida que eu desejo. Mas assim que percebo que isso pede algo de mim, me pede para seguir aquele Homem, para ir atrás d'Ele, me pede para mudar todas as coisas que eu pensava sobre aquele Homem, sobre mim, sobre a realidade, preciso decidir se supero esse aparente sacrifício, isto é, essa resistência, ou se vou atrás, se sigo o que me atraiu, o que responde ao meu desejo.

Colocação da Itália

Preciso entender mais. Na introdução você disse que todas as manhãs, quando nos levantamos, há uma luta entre a tendência desagregadora que se agita em nós e nas coisas e a força de Deus que nos quer, que nos chama. Mais adiante você afirmou a utilidade de olhar para as consequências: justamente porque é possível tratá-las como tal é preciso ir até a raiz.

O que significa ir até a raiz de verdade? Porque o risco que experimento é fazer uma espécie de análise-memória do que me aconteceu em todos esses anos, para me autoconvencer, para me consolar. É evidente que desde que encontrei Cristo, algo de mim, em mim, mudou. Para mim, isso não basta. E percorrendo o caminho com a memória eu percebo que, no fundo, me deixa esvaziada do Acontecimento, o acontecimento sou eu (estou conjecturando um pouco). De onde recomçar?

Aí está, era isso o que eu queria. Obrigado. Precisamos olhar de frente essa suspeita de “estarmos conjecturando”. O cego de nascença teve que buscar na memória o que tinha acontecido com ele, mas fazia isso em virtude de um presente. Conjecturar significa introduzir algo que eu tenho em mente. Fazer memória significa, ao contrário, colocar diante dos meus olhos, no presente, o que foi e é um fato. É um fato que continua: Eu mudei! Eu vejo! Assim, não só não esvazio o Acontecimento, mas o preencho inteiro com uma história. Que eu o preencho significa que olho para ele em toda a sua profundidade. Nós somos realmente incríveis. Estamos aqui em 516 pessoas conectadas, alguns em sua cozinha, outros em seu escritório, alguns quem sabe onde, no mundo, mas assim que eu sair deste estúdio e vir alguém – estamos em *lockdown*, mas há alguém na rua – se eu parar a pessoa e disser: “Venha ver essa coisa!”, isso a faz revirar os olhos. Uma pessoa falou do Brasil, uma dos Estados Unidos, outra da Itália: mas que coisa é essa? Nós a damos por óbvia. O que significa dá-la por óbvia? O que eu disse na palestra: significa colocá-la dentro de algo já sabido. Isso sim, esvazia o Acontecimento. É o oposto de fazer emergir da memória tudo o que explica, me mostra e me faz ver o que está diante dos meus olhos. Eu esvazio o Acontecimento quando não olho para ele e o insiro naquilo que eu já sei, no meu padrão mental. No entanto, não é uma análise fria, mas olhar para o que eu tenho diante dos meus olhos, repleto de toda a sua profundidade e consistência, que é uma história. Repito, o cego de nascença teve que voltar para ver: mas quem foi? O que aconteceu comigo? Isso dava a ele a razão do que tinha no presente: a visão, a possibilidade de ver. Nós realmente precisamos olhar para isso, porque é uma maneira de usar a razão num ângulo de 360°, de modo que eu possa ter tudo presente para ver, para conhecer o que tenho diante dos meus olhos. Se não tenho isso presente, tudo se torna abstrato. É como quando você olha para um filho, para um sobrinho, ou até para um amigo que lhe diz: “como você me respondeu assim, você não me ama”. Calma! Como, eu não te amo? Olhe para tudo, para a história que explica o fato de você estar na minha frente agora e de eu lhe dizer essas coisas. Se você “tira” tudo isso, é claro que não vai entender por que neste momento talvez eu esteja te repreendendo, ou dizendo para fazer a tarefa ou te corrigindo sobre alguma coisa. Se você tira a densidade deste instante pelo amor que eu tenho, que é feito de uma história, de um relacionamento, o que resta? É claro que dessa forma você esvazia o Acontecimento presente, faz com que se torne apenas a sua reação, a reação de um filho ou do amigo que reage mal diante do que eu digo. É justamente o oposto, então. Por isso, o silêncio é a arma, porque o silêncio é penetrar em todas as coisas deixando espaço para que toda a memória emergja: Quem me dá isso? Quase nunca nos olhamos assim, é um olhar que nos custa um percurso. Como isso é possível diante de Cristo? É necessário eu e o meu sim, para entrar nessa realidade (estou doente, sinto falta do ar). Por que não é um azar, por que não é algo contra mim? Preciso justamente dessa consciência, de uma história, para poder olhar para este

instante da realidade até a sua raiz. Como posso dizer que toda a realidade é dada a mim por Ti? Preciso ter presente o que me aconteceu. Que consciência preciso ter para poder confiar que a realidade está nas mãos de Alguém, que esse Alguém me ama e, portanto, a realidade, esta circunstância não está contra mim? O que preciso retomar? Como uma criança diante da mãe que grita com ela. Depende da minha liberdade: estou dentro ou não? Mesmo que signifique que confio em algo que me dá muito, muito medo. E assim que digo que confio – com uma confiança baseada num caminho razoável, num conhecimento cheio de razões, ou seja, de fatos vistos e lembrados – então a paz realmente começa, começa um outro amor. Até que não vivamos essa experiência, podemos acreditar, mas é outra coisa viver a libertação de ser capaz de dizer: eu posso confiar em Ti, Senhor, que me cinge como eu não me cingiria.

Colocação da República Tcheca

Minha pergunta “por quê?”, que continua me perseguindo, está ligada à minha conversão de uma fé herdada para uma fé pessoal, que ocorreu há 16 anos através de uma menina que, quando tinha apenas nove meses de idade, morreu no episódio da morte branca. Para mim este foi um fato terrível e eu disse a Deus: se minha conversão passa por aqui, eu não quero ter nada a ver Contigo. Fechei a questão e fiquei muito infeliz. Depois, conheci algumas pessoas que me testemunhavam uma vida belíssima, plena, e sempre descobria que eram cristãs. Então entendi que devia seguir Aquele que permitiu até um fato assim. Mas a pergunta sempre volta. Assim que acontece algo na minha vida que eu não entendo, imediatamente volto àquela morte do início. Não consigo encontrar uma resposta adequada: reconheço um bem que esses fatos trouxeram para a minha vida de modo irrefutável e que se revela cada vez mais poderoso, mas no final sempre fecho essas perguntas com um: Deus pode tudo, então pode permitir até mesmo uma coisa como essa, que eu não entendo. Quando nos encontrarmos depois da morte, vou perguntar a Ele. Se eu não me dou essa resposta, fico parada e tudo se torna nada. Ontem, ouvindo a palestra, quando você falou que o coração é irredutível, eu pensei: sim, porém há certas perguntas que não podem ser feitas, senão enlouquecemos. E também percebi que a minha lista de perguntas, com o tempo, está crescendo. Veio-me em mente esta hipótese: e se o motivo exclusivo for o que eu chamo de consequências boas? E se o motivo for realmente apenas o amor por mim? O amor que não tem medo nem de se arriscar na dor excruciante, minha e dos outros? Percebi que isso aconteceu na cruz de Jesus. Deus amava tanto que não se retirou nem mesmo diante de uma dor muito maior que a minha. Olhar para Jesus na cruz é olhar para as perguntas que nos enlouquecem. Sinto-me como Pedro depois da pesca milagrosa. E tenho vontade de dizer: “Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador”. Como posso estar diante de uma preferência tão grande?

Obrigado, porque essas perguntas levantam uma questão fundamental: que a resposta às perguntas que nos enlouquecem, assim que tentamos encontrar uma explicação para elas, mesmo que seja uma explicação cristã, tornam-se inaceitáveis. Não bastam. Quando você disse: “Não consigo encontrar uma resposta adequada: reconheço um bem que esses fatos trouxeram para a minha vida de modo irrefutável e que se revela cada vez mais poderoso, mas no final sempre fecho essas perguntas com um: Deus pode tudo, então pode permitir até mesmo uma coisa como essa, que eu não entendo. Quando nos encontrarmos depois da morte” ... elimino a pergunta. Isto é, preciso apagá-la de algum modo. Porque isso, o bem que trouxe, mesmo reconhecido, não é suficiente, não fecha a questão. Mas, o que você diz logo depois? “E se o motivo exclusivo for o que eu chamo de consequências boas? E se o motivo for realmente apenas o amor por mim?”. Qual é a diferença entre a primeira e a segunda posição, hipótese? Que a primeira é uma teoria cristã, a segunda é uma Presença. Ou seja, a resposta às grandes perguntas de Jó sobre a dor, a morte, a doença, sobre “por que eu”, sobre “o que eu fiz”, “por que aquela garotinha”, a resposta não é uma explicação, é uma companhia – como ouvimos nos testemunhos – que me toma pela mão agora. Porque meu entendimento não é fechar a questão intelectualmente, é muito mais. É preciso que seja introduzido em mim o fator de uma companhia. O significado é um amor, um amor por mim. Então, ali dentro começo a entender as explicações. Mas se Cristo não tivesse se tornado homem, ou seja, amor, uma presença que me ama agora, essas perguntas me enlouqueceriam. Porque eu tentaria me contentar com uma resposta intelectual. Certa vez fui ver uma senhora. Ela tinha me convidado e, quando cheguei na casa

dela, ela me disse que tinha terminado um livro no qual contava sua tragédia com a filha, que sofria de uma doença que fazia com que tivesse a inteligência de uma menina de cinco anos, mesmo tendo 27/28. Estava desesperada, e disse: passei a vida inteira sem poder ter o que todas as outras mães tiveram. Ela queria que eu escrevesse o prefácio do seu livro. Na verdade, ela tinha se enganado, pensou que tinha convidado meu irmão, que é jornalista. Eu disse: “Posso escrever o prefácio, mas acho que não era comigo que a senhora queria falar. Eu sou padre”. Quando soube que eu era padre, ficou ainda mais irritada e começou a dizer: “Por quê? Por que eu? Por que minha filha? Por que eu tenho que viver isso?”. Eu parecia um boxeador indefeso, com os braços abaixados, sendo socado na cara, no canto do ringue, sem poder reagir. A esses “Por que eu?”, o que eu poderia responder? Quando ela parou, eu estava atordoado. Ela percebeu que tinha exagerado e me ofereceu um chá. Então, me veio um *flash*, uma reação que foi uma revelação do Espírito. Eu disse: “Olhe, senhora, eu não sei responder a nenhum desses por quês, mas se eu soubesse responder e lhe desse uma explicação que a deixasse muda, que a senhora que ficasse sem palavras, ficaria mais feliz? A senhora não busca um porquê, não busca uma explicação, busca alguém para amar dentro disso, busca uma companhia, porque lhe interessa saber o porquê. Não vivemos por isso, por um porquê que é uma explicação, vivemos por um amor dentro desta situação. E quantas vezes vimos isso nos nossos amigos, nas nossas famílias, justamente em casos como este. Também há as explicações, por assim dizer, que tornam mais compreensível e amável até o que antes odiávamos ou nos causava medo, mas é preciso que a resposta, que o significado das coisas seja uma Presença amável, um amor que entra na vida: uma Presença. E é interessante que o caminho de cada um seja realmente único, pessoal. Você nos contou que no início e afastou de Deus justamente por causa daquele fato e, então, depois o Senhor se recolocou na sua frente com uma beleza amável. Digo isso porque aprendemos a não julgar, no sentido de medir os outros em coisas que deveríamos ter entendido. Se Deus tem paciência, imaginem quanta nós devemos ter. Mas o que me entusiasma no que você disse, é a diferença entre não poder sustentar uma explicação e, em vez disso, estar diante de um amor por mim: tudo muda, tudo se torna parte dessa relação.

Colocação da Itália

Ouvindo a palestra, tive dois momentos de contragolpe. O primeiro foi quando você falou sobre o vazio do dia durante o lockdown. Quando meu dia vale a pena? Se eu faço ou não algo faço de útil? Nesses meses de retorno à escola, mais do que parado, o meu dia é mais um turbilhão de coisas para lidar: na escola, embora presencialmente, tudo é mais exigente, e também há mais trabalho a ser feito em casa; acompanhar meu filho, que tem síndrome de Down, tanto nos deveres da escola quanto nas atividades do centro que frequenta, ocupa grande parte do meu dia. Mas eu entendo que este é o outro lado da mesma moeda: o cheiro do nada chega também em dias muito cheios.

O segundo contragolpe foi a música “O meu rosto”. Sempre costumo cantá-la no carro de manhã, indo para o trabalho, já acordada há duas horas e depois de ter acompanhado meu filho até o ponto do bonde. Percebo que é o meu grito a Ele, antes de me jogar nas coisas do dia.

Minha pergunta é: Quando o tempo é meu? Faz algum tempo que essa pergunta irredutível está em mim. Quando faço o que quero? Quando sou eu que determino o ritmo do dia? Quando encontrar uma janela no tempo para a regra? E se não houver essa janela? Entendo que o ponto não é esperar ter tempo livre, mas que a questão se joga aí, nas dobras dos compromissos. Você disse: “Se há a pergunta, há a resposta. O grande trabalho é a autoconsciência, estar tão presente a si mesmo a ponto de reconhecer que Tu, Mistério, és”. Intuo que o tempo começa a ser meu se eu sou d’Ele, é uma posse das coisas que nasce do ser tomada e amada, reconhecendo isso ali, na hora que vivo. Porém, gostaria de ser ajudada nisso, porque às vezes nasce a dúvida de que é pouco, de que essa autoconsciência tem pouca força. Intuo que o desafio está aqui: como para um trapezista – porque é assim que me sinto às vezes – que, para se lançar, tem apenas um ponto de apoio.

Explique melhor o que você disse: “Intuo que o tempo começa a ser meu se eu sou d’Ele, é uma posse das coisas que nasce do ser tomada e amada”.

Eu entendo que as coisas não são minhas porque eu as organizo ou faço algum esforço, mas, ou eu posso ser das coisas ou posso ser de um Outro. Intuo isso. Porque, se eu não sou de um

Outro, d'Aquele que eu vi colocar minha vida de pé em tantas situações, até diante da morte do meu marido, por exemplo, e que não me levou embora... paradoxalmente as coisas para fazer, às vezes, como tensão, me levam embora. Eu entendo que é como inverter a história. As coisas não são minhas, o tempo não é meu quando eu me apodero dele, mas quando reconheço Quem é o Senhor do tempo, o verdadeiro Dono. Não sei falar mais do que isso...

Mas você disse tudo. Você disse: “Quando o tempo é meu? Quando faço o que quero?”. Quem de nós não sabe responder a essa pergunta? Não é que não desejamos certos momentos, mas, quando esses momentos são eliminados, são como que isolados, quando não são vividos dentro daquela relação, a única que preenche a vida, quando não são vividos dentro do reconhecimento... sabemos muito bem se eles preenchem ou não preenchem. Sabemos muito bem se o tempo é nosso: ficamos com um punhado de moscas nas mãos, ou seja, com a ilusão e com o vazio entre as mãos. O que você disse agora nos ajuda a entender que tudo se joga aí: se o que eu chamo de meu tempo é um tempo que eu corto fora, ou se o que preenche o tempo e o torna meu é vivê-lo dentro da Presença. Isso é fundamental, porque, para quem é chamado a uma vocação na São José, se a alternativa é: de um lado as circunstâncias e, do outro, Jesus... nós dissolvemos a São José. Porque é exatamente o oposto. A experiência que vocês carregam na carne é que a história que os trouxe até aqui é esse Amor, é o ser chamados aí. Quantos de nós poderiam contar histórias incríveis, no sentido de cheias de imprevistos, de coisas que vocês não imaginaram e nas quais viram a vitória de Cristo. Então, eu posso estar diante das circunstâncias com a consciência dessa Presença que mostrou o quanto me ama, e vivo dentro dessa relação testemunhando ao mundo que um grande Amor torna todas as circunstâncias um Acontecimento. E não há necessidade de mais nada. Não há necessidade de eu separar espaços a mais de consolo efêmero para suportar o presente. Este é um desafio, um caminho que se repete todos os dias. Mas, todas as vezes, posso ver que estou caminhando. O impressionante, sobretudo quando falamos de tempo livre, é que é como se tivéssemos em mente este padrão, difícil de eliminar – apesar da experiência dizer o contrário e todos contarem isso –: que o sacrifício é seguir Cristo, é viver todas as coisas em Cristo. Dou um exemplo. Ontem eu estava sentado numa poltrona e precisava pegar um objeto que estava atrás de mim, numa posição incômoda de alcançar. Precisaria me levantar para pegá-lo. Então, para fazer menos esforço... acho que acontece com todos fazer coisas estranhas que requerem três vezes mais esforço! Quase caí da poltrona. Se eu tivesse me levantado, teria me esforçado menos. Então, diante de Cristo, é como se fosse assim. O verdadeiro sofrimento, o verdadeiro sacrifício é quando Ele não está lá, é não viver as coisas dentro da relação com Ele. Sempre fiquei impressionado quando Carrón diz que a verdadeira questão não é como se faz para viver tudo na relação com Cristo, a verdadeira questão é: como é possível não viver tudo na relação com Cristo? Que esforço nós fazemos! O tempo se esvazia, o tempo nunca passa, o tempo não tem nada dentro, o tempo é algo que esperamos que passe porque depois haverá outra coisa. Sem Cristo o tempo não é mais nosso, porque não há nada para nós. É justamente a experiência da inversão. E a imagem do trapezista é muito bonita. Mas a pergunta que você fez no final foi, para mim, como um flash: “nasce a dúvida de que é pouco, de que essa autoconsciência tem pouca força”. Eu digo que é tudo! Porque sem a autoconsciência, sem a tomada de consciência de si, sem a memória, sem toda essa batalha, sem que o desejo emergja, você não existe. Parece abstrato para nós, mas nestes dias, deveria ser uma experiência clara. Como eu disse na palestra: antes parecia que abstrato era o desejo de significado que eu sou, interpretável, um pouco como os espiritualistas, e que as coisas concretas fossem as coisas que fazemos. Agora, é evidente que o que fazemos é vazio, abstrato, sem sentido e enlouquecedor se eu não tiver diante de mim todo o meu desejo e se eu não tenho um significado, se não tenho um porquê, se não tenho ninguém para amar naquilo que faço. Muito diferente de pouco! É tudo! Em relação a isso, gostaria de ler a breve colocação de uma amiga nossa que, por sofrer de ELA, só pôde ditar seu discurso, milagrosamente, com os olhos.

Colocação da Itália

Não me parece que vivo no nada que você e Carrón descrevem. Sou insensível? Devo me preocupar?

“Não me parece que vivo no nada”. É isso o que nos impressiona, o que chama a atenção de todos nós, porque na nossa imaginação você é o exemplo de alguém que deveria dizer: eu não

servo para nada, a minha vida não é nada, para que serve... Em vez disso, você nos testemunha o contrário com esta simples afirmação-pergunta: não me parece que vivo no nada. Mas que batalha há em você para poder dizer isso! Que consciência há do verdadeiro e da relação com Cristo, e da necessidade que você tem dele e do esforço, da contradição que você tem que enfrentar para poder dizer uma coisa dessas! Devemos nos preocupar, nós, que não percebemos que vivemos no nada, porque temos mil possibilidades que você não tem. O seu testemunho me parece a coisa mais preciosa com que concluir este encontro. Que você possa dizer que não vive no nada, para mim é um chamado, um testemunho, é uma realidade que o Senhor coloca diante dos meus olhos, e isso me lembra que é possível sair vencedor da luta que você trava todos os dias. Ou seja, Cristo vence. Que você possa dizer quase como algo normal que não vive no nada, me deixa sem palavras e cheio de gratidão.

Caros amigos, eu diria que fizemos um belo caminho, temos pontos para trabalhar, para nos ajudar e para caminhar juntos em direção Àquele que vem.

Agradeço a vocês por estes dias, pela paciência, pela colaboração, por estarem aqui e por terem acolhido o compromisso que o Senhor nos deu. Rezemos juntos pela nossa companhia neste tempo de Advento. A responsabilidade que cada um tem de viver até o fundo essa consciência, esse conhecimento – que começa todas as manhãs e todos os dias –, é grande, porque no mundo não há mais ninguém que seja guiado, conduzido, tomado pela mão com um cuidado assim, como diz a leitura de hoje: “Enfaixarei a quebrada, fortalecerei a doente...”. Somos tomados desse modo, conquistados por esse Rei. E somos chamados a dar a quem é menor esta consciência. É a maior coisa que podemos fazer pelo mundo inteiro, por todos.

Peçamos a Nossa Senhora que nos sustente no caminho do Advento, todos juntos, e que como Ela, sempre partamos do reconhecimento de Jesus que carregava no ventre. Que nós também possamos partir do reconhecimento de que Jesus está no ventre da nossa companhia. Mas é verdade, não é uma imagem, está fisicamente presente. Por isso, vamos concluir este gesto rezando juntos o Memorare. Queremos dizer a Nossa Senhora: lembrai-vos que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que recorrem à vossa proteção fosse por vós desamparado.

(Textos não revisados pelo Autor)